

[A razão é o nosso escudo](#)



Após duros meses de pandemia, de impactante crise econômica mundial, de acirrado e constante bloqueio — que golpeou sensivelmente nosso povo — Cuba começa a reanimar sua vida social, os espaços e serviços públicos, as escolas, o turismo e outros setores da economia.

Agora somos o país das Américas com a maior porcentagem da população com pelo menos uma dose administrada de vacinas contra a Covid-19, a taxa de vacinação diária mais rápida do mundo e a única que conseguiu desenvolver uma campanha de vacinação em massa em crianças a partir dos dois anos. Tudo isso foi possível pela capacidade do país de produzir suas próprias vacinas, fruto da política científica traçada e promovida por Fidel e do talento de homens e mulheres forjados pela Revolução.

Subimos com as nossas próprias forças, com o espírito inflexível, a dignidade e a resiliência do nosso povo, com a condução serena e firme da liderança do país, com o espírito de vitória e criatividade que se cultiva em meio a tantos anos de duras batalhas.

Aqueles que apostaram no fracasso do socialismo em Cuba e viram o golpe final na Revolução em 11 de julho, estão frustrados e apressados em seus planos. Pretendem prevenir qualquer possibilidade de bem-estar, desenvolvimento individual e coletivo, tranquilidade cidadã e paz em nossa Pátria.

Por isso, promovem várias ações desestabilizadoras no país, para provocar o incidente que leve à eclosão social que fomenta a almejada intervenção militar, que é solicitada veementemente em Miami e até mesmo na própria Casa Branca.

Nem 62 anos de bloqueio nem as suas 243 medidas adicionais puderam e não poderão nos derrubar, daí a reiterada tentativa de um «golpe brando». É parte da guerra não convencional que eles se aplicam

a nós com intensidade. Bater em cima do golpe.

No Relatório Central do 8º Congresso do Partido, o general-de-exército Raúl Castro Ruz advertiu:

«O programa de subversão e influência ideológica e cultural foi redobrado, com o fim de desacreditar o modelo socialista de desenvolvimento e apresentar-nos a restauração capitalista como única alternativa».

«O componente subversivo da política dos Estados Unidos em relação a Cuba se concentra no colapso da unidade nacional. Nesse sentido, são priorizadas ações voltadas para jovens, mulheres e acadêmicos, do setor artístico e intelectual, jornalistas, atletas, pessoas da diversidade sexual e religiosas. Manipulam-se assuntos de interesse de grupos específicos relacionados à proteção dos animais, do meio ambiente ou das manifestações artísticas e culturais, tudo com o objetivo de ignorar as instituições existentes».

«As ações de agressão não deixaram de ser financiadas com a utilização de rádios e televisão sediadas nos Estados Unidos, enquanto cresce o apoio monetário para o desenvolvimento de plataformas de geração de conteúdos ideológicos que clamam abertamente pela derrota da Revolução. Lançam convocatórias para manifestações nos espaços públicos, incitar a execução de atos de sabotagem e terrorismo, incluindo o assassinato de agentes da ordem pública e representantes do poder revolucionário. Sem a menor vergonha, declaram as taxas que são pagas pelos Estados Unidos aos executores dessas ações criminosas».

«Não esqueçamos que o governo dos Estados Unidos criou o “Grupo de Trabalho da Internet para Cuba” que pretende que as redes sociais se tornem canais de subversão, criando redes sem fio fora do controle do Estado e realizando ataques cibernéticos a infraestruturas críticas».

[...]

«A mentira, a manipulação e a divulgação de notícias falsas não têm mais limites. Por meio deles, conforma-se e se difunde aos quatro ventos uma imagem virtual de Cuba como uma sociedade moribunda sem futuro, à beira do colapso e dando lugar à tão desejada eclosão social».

Setores da contrarrevolução tradicional e novos personagens, formados em cursos de liderança financiados por fundações norte-americanas ou pelo orçamento federal dos Estados Unidos, se uniram para tentar cumprir esses propósitos. Carecem de base social no país, mas são devidamente instruídos, financiados e apoiados a partir do exterior.

O império deposita dinheiro e expectativas nos anexacionistas por eles formados, que sob a falsa bandeira do pacifismo buscam provocar novos distúrbios, gerar caos e induzir a desestabilização do país.

Nas últimas semanas, tornaram pública a intenção de realizar uma marcha supostamente pacífica em novembro, projetada para ocorrer simultaneamente em várias cidades do país. Seus propósitos declarados e seu esquema organizacional revelam uma provocação articulada dentro da estratégia de «mudança de regime» para Cuba, anteriormente experimentada em outros países.

Escolhem datas com certo simbolismo... Mas desta vez parece que também queriam exhibir sua estatura de anexacionistas. Queriam comemorar o aniversário do presidente Biden com um ataque à Revolução que tanto incomodou as administrações imperiais durante 62 anos? Ficaram com o desejo.

Um de seus promotores foi treinado em cursos patrocinados pela fundação de direita CADAL argentina, universidades norte-americanas e grupos de reflexão como o Fundo Carnegie para a Paz Internacional (liderado até recentemente pelo atual diretor da CIA William J. Burns). Entre os temas de sua doutrinação estão a formação de lideranças, o confronto com as estruturas de governo, a dinâmica de

mobilização e o papel das Forças Armadas na «transição democrática».

Em 11 de julho, foi o organizador de uma tentativa de ocupação do Instituto Cubano de Rádio e Televisão (ICRT), cumprindo a 167ª instrução do Workshop de Ação Não Violenta que indica: «Ataques» não violentos: invasões: começam com uma marcha e se apoderam pacificamente de um lugar ou uma propriedade.

Mais recentemente, ele se juntou a um projeto subversivo, sob disfarce acadêmico, no qual divide uma cadeira em seu Conselho Deliberativo com o terrorista Orlando Gutiérrez Boronat.

Entre os organizadores da manifestação de novembro, está acompanhado por dirigentes contrarrevolucionários do chamado Conselho para a Transição Democrática de Cuba, plataforma que se articula em função do golpe inconstitucional no país, e por aqueles que reconheceram abertamente a entrega de fundos da National Endowment for Democracy. (NED), uma fachada do governo dos EUA.

Assim que foi anunciada por seus organizadores, a marcha recebeu o apoio público e notório de legisladores estadunidenses, operadores políticos da máfia anticubana e da mídia que incentiva ações contra a Revolução.

Tweets, declarações, Assembleias de Resistência e outras ações frenéticas enchem esses dias de Miami, como se a manifestação fosse acontecer naquela cidade. Mudança de regime, derrubada do governo e intervenção militar são mais uma vez a narrativa predominante no sul da Flórida.

Entre os partidários mais fervorosos da provocação estão os congressistas Marco Rubio, Mario Díaz-Balart e María Elvira Salazar; o terrorista reconvertido Gutiérrez Boronat (que declarou seu apoio a esta ação «para derrubar o regime»), a Fundação Nacional Cubano-Americana e a força mercenária da Brigada 2506, cujo presidente por sua vez declarou em Miami que «com estes passos será fomentada uma explosão dentro de Cuba para que mais uma vez nossos irmãos saiam às ruas e isso nos leve ao colapso de um regime...»

Conforme relatado pela mídia norte-americana MintPressNews, muitos dos operadores da campanha nas redes sociais digitais em apoio à manifestação são residentes da Flórida e de outros estados dos Estados Unidos. «O envolvimento de cidadãos estrangeiros nos assuntos internos de Cuba está em um nível que dificilmente pode ser concebido nos Estados Unidos», diz a publicação.

O envolvimento direto do governo dos Estados Unidos na farsa contrarrevolucionária também é explícito e provocador. Não teve cuidado para escondê-lo e ninguém pode fazer isso honestamente. Altos funcionários do governo estão diretamente envolvidos em sua promoção e, com o apoio dos serviços especiais, em sua organização. Um instrumento importante, embora não o único, é a embaixada dos Estados Unidos em Cuba, cujas declarações públicas costumam incluir flagrante ingerência nos assuntos internos da nação.

Este gabinete, fruto dos acordos bilaterais assinados em 2015 para formalizar as relações diplomáticas entre os dois países, há anos que não exerce qualquer cargo diplomático. Nem mesmo é útil para a prestação de serviços consulares e de imigração que os cidadãos de ambos os países reivindicam e dos quais dependem.

Os seus dirigentes, incluindo o encarregado de Negócios, são forçados ao indigno papel de babás de expoentes contrarrevolucionários e provocadores em nosso país, com a ingrata tarefa de andar atrás deles, prestando-lhes apoio logístico e material, bem como aconselhamento e orientação. Tudo é conhecido e documentado. A própria atividade nas redes digitais da embaixada fornece evidências do que está acontecendo e o que a contrarrevolução está fazendo.

Este comportamento é uma violação total do Direito Internacional e, em particular, da Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas.

Com tais patrocinadores e propósitos declarados, é muito difícil se gabar de civilidade e pacifismo na ação convocada para novembro. Muito menos de intenções legítimas e soberanas.

O que está em jogo aqui, e ninguém deve duvidar, é o direito de Cuba de se defender das agressões estrangeiras, seja qual for o seu disfarce.

Os organizadores tentam se embrulhar na Constituição para legitimar a provocação. Eles usam preceitos constitucionais para defender estratégias inconstitucionais. Reivindicam o direito de manifestação expresso na Carta Magna, mas esquecem maliciosamente que aquela própria Constituição, no artigo 45º, indica que os direitos das pessoas são limitados, entre outros, pelo respeito a esta regra suprema: «O exercício dos direitos das pessoas é apenas limitado pelos direitos dos outros, segurança coletiva, bem-estar geral, respeito pela ordem pública, a Constituição e as leis».

Essa Carta Magna, aprovada em referendo há apenas três anos por 86,85% dos eleitores, define claramente no artigo 4º que: «O sistema socialista que endossa esta Constituição é irrevogável». E em seu artigo 229º estabelece ainda que «em nenhum caso se procederá a reforma dos pronunciamentos sobre a irrevogabilidade do regime socialista previsto no artigo 4º e a proibição de negociar nas circunstâncias previstas na alínea a) do artigo 16º».

É claro que nem agora nem no futuro o direito de manifestação pode ser usado para subverter o sistema político, para derrubar o projeto socialista cubano ou para estabelecer alianças com grupos e organizações que recebem financiamento estrangeiro com o objetivo de promover os interesses do Governo dos Estados Unidos e outras potências estrangeiras.

Não existe em nosso país o direito de agir em prol dos interesses de uma potência estrangeira e de colocar em risco a estabilidade dos cidadãos. É inconstitucional, ilegítimo, imoral, aderir a um projeto anexacionista. Nossas leis dizem isso e nossa história diz isso.

Assim avisou o nosso Herói Nacional José Martí: «Em nossa terra existe outro plano mais sombrio do que o que conhecemos até agora, e é o iníquo de forçar a Ilha, de precipitá-la na guerra para ter pretexto de intervir nela, e com o crédito de mediador e fiador, ficar com ela. (...) Morrer, para dar origem ao que fazer a essas pessoas que nos empurram até a morte em seu benefício? Nossas vidas valem mais e é preciso que a Ilha saiba disso a tempo. E há cubanos, cubanos, que servem, com disfarçadas demonstrações de patriotismo, esses interesses!»

Chega de mentiras e manipulações grosseiras dos fatos. Ninguém vai ser esmagado por tanques nas ruas, como já vêm espalhando os porta-vozes da próxima provocação. O exercício Moncada faz parte do treino que fazemos constantemente na preparação para a defesa. Diante de provocações como essa, somos auxiliados pelo mais legítimo ato de defesa do povo e de suas conquistas.

Dignidade, resistência e unidade são nossas forças mais poderosas em face da ação anexionista desonrosa e desonesta que serve ao inimigo histórico da nação cubana em seu plano de nos fragmentar e dividir para nos derrotar.

Não puderam e não poderão. A razão é nosso escudo.

Fonte:

Granma Internacional
Quarta, Outubro 13, 2021

A razão é o nosso escudo

Published on Fidel soldado de las ideas (<http://www.fidelcastro.cu>)

Source URL: <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/noticia/razao-e-o-nosso-escudo?width=600&height=600>